



A feira agroecológica da UNEB: difundindo a agroecologia junto aos agricultores e consumidores.

The agroecological fair of UNEB: disseminating agroecology to farmers and consumers

¹ BRITO, Francisco E. Matos; ²SILVEIRA, Diógenes C.; ³CRUZ, Adenilson A.

¹Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial (CAECDT), frembrito@gmail.com; ²UNEB, CAECDT, Departamento de Ciências Humanas, dcsilveira@uneb.br; ³UNEB, CAECDT, adenilsonalvescruz@gmail.com.

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: Este trabalho evidencia as mudanças introduzidas a partir da implantação da feira no campus da UNEB, numa articulação da universidade com o movimento social de luta pela terra e cooperativa, cujos agricultores familiares produzem em moldes agroecológicos e comercializam visando um consumidor de alimentos saudáveis do campus e dos bairros do entorno. A feira vem disseminando a agroecologia via eventos relacionados à alimentação saudável, compostagem urbana e questão agrária. Também tem demandado visitas a campo dos estudantes e professores, estabelecendo contato com a realidade dos produtores, cujas soluções propostas consideram a participação e a troca de saberes. O projeto da feira traz para reflexão as virtudes e dilemas do campo para o campus e, tem na sua base, atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Feira agroecológica; agricultores familiares; universidade; movimentos sociais.

Keywords: Agroecological fair; family farmers; university; social movements.

Contexto

Depois de ter a presença reduzida significativamente nos centros urbanos, em razão da chegada avassaladora das redes de supermercados, no atacado e varejo, as feiras vêm ressurgindo nos bairros das grandes cidades e brotando nos campi universitários. Neste processo, em muito tem contribuído a crítica à agricultura convencional - tributária da revolução verde, caracterizada, sobretudo, pelo uso intensivo de agrotóxicos, em contraste com o requerimento de alimentos saudáveis, efetuado por um número crescente de consumidores que, pouco a pouco, foram testemunhando um distanciamento gradual entre o campo e a cidade e, assim, perdendo de vista os caminhos tortuosos percorridos pelos alimentos até chegarem às suas mesas.

Tal atitude de relativa indiferença passou a se modificar quando surgiram escândalos alimentares com regularidade cada vez maior nos meios de comunicação que, ao apresentarem situações de pânico espetacularizado, acabaram chamando a atenção das pessoas para o fato delas estarem sujeitas às consequências da contaminação dos alimentos provocada por agrotóxicos e outros produtos químicos (BRITO; DUQUÉ, 1997).



Outro elemento importante no questionamento aos moldes como a agricultura vem se desenvolvendo no Brasil, está relacionado ao ganho de espaço e visibilidade que formas alternativas de produção, dentre elas a agroecologia, vem conquistando no país e tendo seus produtos, isentos de agrotóxicos e oriundos da agricultura familiar, integrando várias feiras agroecológicas pelo país afora e sendo comercializados nos marcos da economia solidária.

Miguel Altieri (2004, p.23), um dos precursores da elaboração do paradigma ecológico, concebe a agroecologia como “uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo”, em contraposição ao paradigma ainda hegemônico de modernização da agricultura, responsável por incontáveis estragos socioeconômicos e ambientais.

Descrição da Experiência: A feira e seu processo de construção

Havia moças nas janelas espiando a feira [...]. Os patizeiros chegavam com seus balaio de bananas [...], os roceiros do Santo Antônio abriam as suas bruacas de melancias e abóboras, e o zunzum ia crescendo e se espalhando por toda a parte (SALES, 2009, págs.146-7).

Implantada em outubro de 2017, a feira agroecológica da Uneb vem ocorrendo às quintas feiras, das 7 às 13 horas, no Campus I, situado no Cabula, bairro popular da cidade do Salvador, cuja característica vem exigindo um esforço maior no seu processo de construção e sustentação. A feira, conta com o apoio engajado da UNEB, através do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial (CAECDT), do Núcleo de Estudos e Práticas em Políticas Agrárias (NEPPA), dos movimentos de luta pela terra, da cooperativa de comércio justo e solidário e, da população urbana que habita o entorno da universidade.

A feira é formada por 09 barracas de agricultores feirantes dos assentamentos do MST, Recanto da Paz (Dias D'Avila), Bento e Maju (São Sebastião do Passé), da Cooperativa de Monte Gordo (Coopermonte), do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), da Rede Povos da Mata e do Núcleo Raízes do Sertão.

O dia de quarta é a véspera da feira quando os produtores feirantes ocupam-se da preparação e colheita dos produtos que trarão para a feira no dia seguinte, a exemplo das hortaliças como a alface crespa e americana, couve, rúcula, coentro, cebolinha, manjerição, tomate e hortelã. Aparecem também abóbora, berinjela, maxixe, quiabo, batata, aipim, banana, limão, laranja, coco verde e seco, jenipapo, acerola, manga, jaca, mamão, ovos e algumas plantas medicinais e alimentícias não convencionais (beldroega e língua de vaca). Acrescente-se a estes, os produtos minimamente processados, tais como os doces de leite e goiaba, mel, bolinho de pote, cocada e bala de jenipapo, beiju na palha da banana, a tapioca para beiju, o



flocão e o creme de milho e conservas artesanais de pimenta, de tempero completo, de molho de tomate, pasta de linhaça, dentre outros.

Para que a feira ganhasse visibilidade diante do público interno e externo, além da disponibilização dos produtos com regularidade, foram utilizados alguns materiais e equipamentos de divulgação, a exemplo de banners e faixas colocados nos portões de entrada da universidade, convites (foto 1) distribuídos no setor administrativo, nas salas de aula, junto à comunidade externa e condomínios próximos, a colocação de cartazes, a circulação de carro de som no campus e nas áreas próximas, a inserção de anúncios no *outdoor* da universidade e no sitio eletrônico da UNEB, a criação de grupos de difusão da feira no *facebook* e *whatsapp*, a realização de entrevistas e reportagens para a televisão e, sempre que possível, a instalação da feira durante eventos científicos com temática relacionada a questão agrária, agroecologia, educação do campo, meio ambiente, movimentos sociais e populações tradicionais.



Foto 1. Convite ao público para a feira



Foto 2. Vista da feira e roda de conversa ao fundo. Foto: Francisco Brito

Além da venda dos produtos, o espaço da feira também tem sido palco para a ocorrência de atividades culturais, a exemplo da realização de rodas de conversa (foto 2) sobre temas como alimentação saudável, questão agrária e gênero, debate sobre plantas alimentícias não convencionais (pancs), oficina do alimento vivo, de compostagem e recebido a visita de professores e alunos das escolas próximas.

Resultados

O suceder das quintas feiras e as atividades desenvolvidas na feira ligadas à temática da economia solidária, vem fazendo com que o público entenda que a feira, além de um lugar para comprar e vender é “um ponto de reunião social. A feira é um local de encontro. Nela tem lugar uma troca de informações e opiniões sobre diversos problemas entre os indivíduos dos diferentes grupos que ali se reúnem” (HEREDIA, 1979, p.45). Decorrente desta compreensão, observa-se que vem se restabelecendo a ligação entre produtores e consumidores, a troca de informações sobre os alimentos e as propriedades das plantas e se desenvolvendo uma relação de solidariedade entre feirantes e fregueses, ocorrendo situações onde estes últimos



não só aguardam a arrumação, como também passam a ajudar na organização e colocação dos produtos nas barracas.

A maioria dos feirantes são mulheres. O trabalho desempenhado por elas, no âmbito doméstico e, sobretudo, relacionado ao plantio, tratos culturais, colheita, transporte e comercialização dos produtos na feira, é muito importante e contribui significativamente para que elas venham superando valores que conferem a este tipo de trabalho baixo reconhecimento e, até mesmo, invisibilizando a participação feminina (BRUMER, PANDOLFO e CORADINI, 2008), sendo colocado na condição de mero coadjuvante do trabalho masculino. Apesar dos obstáculos, elas vêm conseguindo ressignificar a sua atuação, ganhando autonomia, exercendo protagonismo e gerando renda para suas famílias.

Objetivando o fortalecimento da feira, o CAECDT lançou, em 2018, a proposição de Atividade Curricular em Comunidade (ACC) Feira Agroecológica da UNEB, que contava com alunos dos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais e constava, na parte teórica, da realização de seminários e oficinas de formação em educação do campo, economia solidária e agroecologia e na parte prática compreendendo a organização da Feira e as visitas de campo às áreas dos produtores feirantes.

Durante os momentos de avaliação efetuada pela equipe do CAECDT e pelos agricultores feirantes, observa-se que a feira encontra-se em processo de consolidação, porém nesta caminhada vem enfrentando alguns desafios que dizem respeito à necessidade de diversificação dos produtos, considerando as características de cada estação, não somente para atender à demanda dos fregueses como também para aumentar a renda dos feirantes.

Como forma de atender esta exigência, coloca-se como necessário o aumento da frequência das visitas de campo às áreas dos feirantes efetuando um levantamento da realidade e, a partir daí, criar as possibilidades, dentre outras, para a presença regular da capacitação, da assistência técnica agroecológica e realização do intercâmbio entre os agricultores. Nesta perspectiva está sendo iniciada a capacitação sobre horticultura agroecológica, planejada a realização de entrevistas junto aos consumidores e definida a atividade de intercâmbio de experiência com a visita de um grupo de agricultores à propriedade de um agricultor agroecológico.

Apesar das tentativas com resultados proveitosos, continua-se buscando ampliar a presença dos técnicos e professores da UNEB na feira, seja na condição de consumidores ou de docentes que se disponham a participar de rodas de conversa e/ou tenham projetos que guardem relação com a feira e a agroecologia. Como forma de aumentar esta participação do público interno pretende-se também, a médio prazo, instituir a venda de cestas prontas de alimentos.

Conclusões



Instalada no campus universitário, a feira remete a uma sala de aula a céu aberto onde se desenrolam variadas atividades e circulam odores e sabores na forma de produtos, transportados do campo e comercializados por agricultores familiares, que são indagados para satisfazer a curiosidade da freguesia em torno de um conhecimento que traz consigo a marca da confiabilidade e da ancestralidade.

Entre os atores, tem-se os agricultores feirantes filiados a associações e cooperativas e moradores dos assentamentos do MST. Estes últimos, a cada feira aproveitam a oportunidade para desmentir a falácia, divulgada para a sociedade pela imprensa conservadora - que os coloca como meros desordeiros e invasores de terra, demonstrando a sua importância socioeconômica de cidadãos que produzem alimentos saudáveis para suas famílias e para os consumidores das cidades.

O projeto da feira agroecológica da UNEB é relevante por ter na sua base, atividades de ensino, pesquisa e extensão, tripé de sustentação da universidade. A UNEB, por sua vez, tem se colocado como universidade popular respaldada na sua trajetória de articulação com os movimentos sociais, através da oferta de cursos ligados ao PRONERA, à educação do campo e à agroecologia. Ao proporcionar as condições e ceder seu espaço para a realização da feira, franqueando e estimulando o acesso ao público externo, a UNEB vem contribuindo para reforçar ainda mais a sua relação com a sociedade, traduzida no apoio à difusão de alimentos saudáveis, produzidos de acordo com os preceitos agroecológicos.

A feira, no seu desenvolvimento, vem colocando como necessidade a utilização de instrumentos de pesquisa que permitam caracterizar de maneira detalhada fatores relacionados ao seu cotidiano, ao perfil dos feirantes e fregueses e à atuação da universidade, como forma de orientar o rumo da sua gestão.

Referências Bibliográficas

BRITO, F.E.M.; DUQUÉ, G. Modernização, agrotóxicos e a emergência do paradigma ecológico. In: LIMA, J.C. et al (Orgs.). **Trabalho, Sociedade & Meio Ambiente**. 1. ed. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPb, p. 181-192, 1997.

BRUMER, A.; PANDOLFO, G.C.; CORADINI, L. **Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil** (2008). Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST3/Brumer-Pandolfo-Coradini_03.pdf. Acesso em: 12 jun.2019.

HEREDIA, B.M.A. **A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 164p.

SÁLES, H. **Cascalho**. 7. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2009. 538p.